

HISTÓRIA DA EUCARISTIA

APRESENTAÇÃO

Este estudo, que encontrei entre papéis antigos, foi um trabalho produzido em grupo durante o curso de Teologia (PUC-RJ, talvez 1971/2).

O grupo era composto por Emanuel Ubirajara Porfírio, Jorge Moreira de Almeida, Jorge Solano Garcia de Moraes, José Roberto Rodrigues Devellard e Maria José Teixeira.

Apesar de seus limites, considerei interessante torná-lo disponível, pois apresenta, em linhas gerais a evolução da Eucaristia, o que pode ser útil para os grupos cristãos que não tenham acesso a estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Não me foi possível solicitar a autorização dos colegas elaboraram esse trabalho conjuntamente, mas suponho sua permissão, por se tratar de um serviço às comunidades cristãs sem fins lucrativos.

Realizei algumas alterações redacionais que clareassem melhor o que se queria dizer, além da conversão para a atual ortografia. Entre essas, tomei a liberdade de excluir um parágrafo, cuja compreensão não consegui reconstituir ou recordar. Em várias oportunidades transcrevi a citação bíblica completa ou resumi o conteúdo dos textos citados (o que era dispensável no contexto original), visando tornar a leitura mais ágil. As notas de rodapé de caráter explicativo são de minha responsabilidade. No original, as notas eram escassas e apenas de caráter bibliográfico. Além dessas revisões, o que estiver entre colchetes – [] – é de minha responsabilidade.

Como era um trabalho de equipe e cada um era responsável por uma parte (não lembro quem escreveu o quê, nem mesmo qual teria sido a minha parte), sua composição apresenta-se como uma montagem, revelada pelos estilos diferentes. Não obtive muito êxito em corrigir esse problema, embora tenha tentado dar uma estrutura mais coesa ao conjunto do texto.

Embora tentado a isso, não mexi em comentários ou observações que denotavam o espírito da época, espírito de rebeldia, de mudança, de engajamento. Respeitei aqueles trechos reveladores de nossos ideais cristãos juvenis e nossas compreensões limitadas da história.

As citações bíblicas são extraídas da tradução da Bíblia de Jerusalém: Ed. Paulus, Nova edição, revista, 3ª impressão de setembro de 1994.

Sumário

1 – INTRODUÇÃO	3
2 – A BÊNÇÃO	3
3 – EVOLUÇÃO DA BÊNÇÃO	4
4 – A BÊNÇÃO E OS SALMOS	5
5 – O CRISTO E A BÊNÇÃO	5
6 – ALIANÇA	6
7 – SACRIFÍCIO	7
8 – DOCUMENTOS DA CEIA:	10
9 – CEIA JUDAICA – ÚLTIMA CEIA.....	11
10 – HAGADÁ CRISTÃ	12
11 – SENTIDO SACRIFICAL.....	14
12 – EUCARISTIA – BANQUETE	14
13 – DIDAQUÊ	15
14 – À GUIA DE CONCLUSÃO.....	19
BIBLIOGRAFIA	19

1 – INTRODUÇÃO

Para abordar a Eucaristia sob o aspecto histórico, iniciaremos refletindo sobre o sentido da bênção na Antiga Aliança – tem a bênção, realmente, um sentido de base para a Eucaristia; à medida que evolui a história da salvação, se tem mais e mais claro o que seja a bênção que terá sua plenitude no Cristo.

Estudaremos a bênção evoluindo dentro da Antiga Aliança; como ela se coloca dentro dos Salmos; Cristo encarnado no seu povo, como usou a bênção; a relação Bênção-Aliança-Sacrifício; e como se articula o papel das pessoas dentro da Aliança-Sacrifício: o sacerdote, o rei, o profeta.

Ao estudar o Sacrifício, será abordado o sentido da vítima, seu caráter pessoal e o significado da peregrinação que são três aspectos quase prognósticos do sacrifício de Cristo:

- Nós cristãos somos peregrinos: 1 Pd;
- Fazemos a cada momento nossa passagem;
- Cristo expiou nossos pecados.

Em seguida, faremos um estudo mais acurado do ritual da ceia na Antiga Aliança.

Após termos visto em que se baseia a “última ceia”, refletiremos sobre os documentos relativos à ceia de Jesus em Mateus, Marcos, Luca, João e Paulo.

Constatado que houve uma “última ceia”, põe-se o problema: foi pascal ou não a ceia de Jesus? Faremos sobre isso uma reflexão.

Outro ponto importante é entender Hagadá judaica da Páscoa dentro da ceia na Antiga Aliança.

Estudaremos também o sentido sacrificial e o banquete da ceia. O que fala a Didaquê da Eucaristia? Isso é importante já que a Didaquê relata a maneira de fazer da primitiva comunidade.

Ao final, apresentaremos um resumo da história da Eucaristia do século IV ao XV.

2 – A BÊNÇÃO

Sabemos que a História da Salvação é um único plano. Deus começa a se revelar e esta revelação tem seu clímax na pessoa de seu Filho, o Cristo; e continua através da história a explicitação de quem seja esse Filho de Deus.

Tudo preparava a vinda de Cristo e todas as coisas adquirem nele, a sua plenitude.

Vejamos como ela era compreendida dentro da Antiga Aliança.

A bênção era um gênero litúrgico dos judeus: dar graças, bendizer.

Um texto que expressa bem o sentido da bênção na época das mais primitivas comunidades da Antiga Aliança é: “... Bendito seja lahweh, Deus de meu senhor Abraão, que não retirou sua benevolência e sua bondade a meu senhor” (Gn 24,27) – exclamou, entre agradecido e admirado, o servo enviado por Abraão para encontrar uma esposa para Isaac.

Outro texto de bênção: “E ele [Melquisedec] pronunciou esta bênção: Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo que entregou teus inimigos em tuas mãos” (Gn 14, 19-20). É uma oração pedindo para que

Deus, por Abraão, olhe de cima. Por outro lado, é uma bênção que a criatura dirige ao Criador, por um pedido ou benefício conseguido.

Num terceiro exemplo, temos a bênção seguida por um sacrifício (Ex 18,9-12):

Jetro alegrou-se por todo bem que lahweh tinha feito a Israel, livrando-o da mão dos egípcios. Então Jetro disse: “Bendito seja lahweh que vos libertou da mão dos egípcios e da mão do Faraó, e libertou o povo da submissão aos egípcios. Agora sei que lahweh é maior que todos os deuses...”.

Jetro, o sogro de Moisés, ofereceu a Deus um holocausto e sacrifícios. Vieram Aarão e todos os anciãos de Israel, para comerem pão com o sogro de Moisés diante de Deus.

O holocausto tinha características de banquete cultual e termina com o sacrifício. Portanto, o bendizer tinha as características seguintes:

- a) Podia ser feito fora de um contexto litúrgico (cf. Gn 24,26s) ou num contexto litúrgico (cf. Gn 18,9-12);
- b) Podia ser **ascendente** ou **descendente**, sendo a primeira puro louvor da criatura a Deus; a segunda, um pedido de graças;
- c) Iniciava, em geral, por uma exclamação de glorificação a Deus.
- d) Ao nome de Deus juntavam-se títulos: altíssimo, criador;
- e) Indica-se o motivo de bendizer a Deus;
- f) Contém a bênção sentimentos de alegria e admiração.

3 – EVOLUÇÃO DA BÊNÇÃO

Há um outro elemento de religiões bem primitivas que foi purificado dentro da religião judaica: a fórmula ou ação mágica que, pelo rito, comunicava o bem ou o mal – esses ritos e fórmulas sujeitavam a divindade. O judeu apreende esse gesto e rito, mas não para enganar a divindade por ardil; ficou, no entanto, a idéia da bênção não só para bendizer, mas para maldizer – um resquício da magia de controle de forças do bem e do mal (cf. Gn 18,14; Lv 16,21).

A bênção toma, então, uma característica de súplica [não de controle]:... bendizer Deus a Abraão – isso sem deixar de entender que Deus é livre para agir.

Nessa perspectiva de um Deus que pode nos trazer bens, entendia-se como um dos maiores bens a descendência numerosa, fecunda (cf. Gn 15,5).

Temos, então, o grande evento bíblico da Aliança de Deus com Abraão em Gn 12,1-9 [a vocação de Abrão] e em Gn 22 [o sacrifício que sela a Aliança]. A bênção se estabelece em termos de Aliança e descendência por causa da fidelidade de Abraão a Javé. A bênção na descendência de Abraão tem um caráter universal: “Por ti serão benditos todos os clãs da terra” (Gn 12,3); ou, para Isaac: “... por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque Abraão me obedeceu...” (Gn 26,4).

A paz também é parte da bênção do Senhor, como sinônimo de segurança, gozo, enfim, salvação.

A bênção ascendente (de louvor puro de Deus) toma tal importância que se torna ministério para uma tribo, a de Levi, conforme se vê em Dt 10,8: “Foi por este tempo que lahweh destacou a tribo de Levi para levar a Arca da Aliança de lahweh e ficar à disposição de lahweh, para servi-lo e **abençoar em seu nome**, até ao dia de hoje” [negrito meu]. Parece, pois, se tratar da bênção descendente [“abençoar em seu nome”], mas o ofício dos homens era de louvação.

4 – A BÊNÇÃO E OS SALMOS

Dentro do ofício dos levitas, que era o de louvar, temos os salmos, e há uma íntima ligação entre os salmos e o bendizer: há 22 salmos que contêm o verbo *BARAK*, em variados modos.

Todavia, vamos tomar os salmos e procurar se contêm alguma outra idéia contida pelo bendizer (como vimos acima: características da bênção).

O bendizer inclui o sentido de alegria, que está no SI 16,9 (*semah* = alegrar-se) e, como esse salmo, muitos outros com sinônimo de alegrar-se como cantar, aclamar.

Inclui, também, o bendizer um louvor causado pela boa notícia como no SI 96,2: *bsr* = anunciar a boa nova.

O centro ou causa principal do louvor a Deus, quando ele se manifesta por suas ações é contar as maravilhas de Deus (SI 26,7: *nif'lot* = maravilha).

Ficamos, somando todos os salmos que têm a idéia de *beraká* [bênção] com um total de 72 salmos.

Os salmos restantes – há autores que não os deixam de incluir como louvor – contêm a idéia de: amar, esperar e confiar.

Além disso, há idéias que se deduzem de cantar, tocar, anunciar, proclamar e, neste sentido, encontramos 51 salmos.

Assim, todo o Saltério, em estrito ou lato senso, faz parte do que significa *beraká* – bênção.

Os salmos eram recitados pelos levitas, mas em muitas recitações o povo devia participar como sugerem esses versos dos Salmos 22,23; 10,12; 18,50; 22,24 e outros.

Em síntese, assim evoluiu o ritual da bênção na história do antigo povo de Deus.

No começo da era cristã, por volta do século II d.C., a Mixná¹, livro de tradições judaicas, indica que o judeu piedoso deve pronunciar pelo menos cem *berakot* (bênções) por dia.

5 – O CRISTO E A BÊNÇÃO

Com a vinda de Cristo, a bênção adquire a sua plenitude. A presença divina (*shekiná*) que, para o judeu piedoso, se processava de várias maneiras, com Cristo atinge o seu ápice.

“Onde dez judeus se reúnem para escutar a Torá, a *shekiná* está no meio deles”.²

“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio deles” (Mt 18,20).

Como a bênção (entendida em sentido amplo) faz aquelas pessoas ou coisas tornarem-se posse de Deus, consagradas a ele?

Aliás, o próprio São Paulo fala que tudo criado por Deus é bom e nada recebido com “eucaristia” [= ação de graças] deve ser rejeitado (Col 3,16s).

Antes de ressuscitar Lázaro, Jesus bendiz (Jo 11,41): “Pai, dou-te graças porque

1 A Mixná é uma coleção que contém tradições orais dos ensinamentos dos rabinos, tendo sido redigida por volta do século II d.C. Juntamente com a Guemará, compõe o Talmude.

2 Pake Aboth, III, 8. Citado de BOUYER, L., in *L'homme et le rite*, Paris, 1962, p. 228.

me ouviste”.

Na volta dos 72 discípulos enviados por ele a pregar, Cristo torna a louvar: “Eu te louvo, Pai” (Lc 10,21). O verbo empregado no grego – *exomologoumai* – tem a característica da alegria, portanto, conforme o sentido do bendizer.

Encontramos na Nova Aliança inúmeras referências a esse sentido “*berakático*”: Mt 14,6; Mt 25,25; Mc 8,7; Mc 14,22; Lc 24,30.50-53.

Há em todos os escritos da Nova Aliança as mesmas construções da *beraká* que encontramos na Antiga Aliança: gestos, alegria, anúncio de uma boa nova, um acontecimento miraculoso ou simples louvor. Veja-se: Jo 11,41-43; Lc 1,46-55; Mc 14,6; Lc 5,25ss.

6 – ALIANÇA

Falando sobre a bênção, tocamos apenas em dois aspectos que atingiram – vamos dizer – o ponto mais alto da religião dos hebreus: ALIANÇA e SACRIFÍCIO.

O bendizer, como vimos, tem o matiz da confiança: *bth* = confiar, confessar a fé – Sl 56,12.

O anúncio, a boa nova, tem como suporte a Lei que será o guia para a realização das bênçãos de Deus na História da Salvação, que é a própria bênção descendente. O livro de Josué (24,14-28) nos dá quase um ritual da liturgia da Lei ou Aliança:

- A) Admoestação inicial (v. 14s): “Agora, pois, temei a lahweh e servi-o com integridade...”.
- B) Resposta afirmativa do povo (v. 16ss): “Longe de nós abandonarmos lahweh...”.
- C) Proclamação da Lei (v. 25s): “Naquele dia, Josué fez uma aliança pelo povo; fixou-lhe um estatuto e um direito em Siquém. Josué escreveu essas palavras no livro da Lei Deus. Tomou em seguida uma grande pedra e a erigiu ali, debaixo do carvalho que está no santuário de lahweh”.
- D) Faz-se a aliança (v. 27): “Eis que esta pedra será um testemunho contra nós, porque ela ouviu todas as palavras que lahweh nos dirigiu; será um testemunho contra vós, para vos impedir de renegardes vosso Deus”.

Em Jos 8,30-34³, está dito que Josué edificou um “altar de pedras brutas não trabalhadas pelo ferro”, onde ofereceram holocaustos. O versículo 32 relata: “Ali Josué escreveu sobre as pedras uma cópia da Lei de Moisés...”. Finalmente, “Josué leu todas as palavras de Lei – a bênção e a maldição – segundo tudo o que está escrito na Lei” (v. 34). Estamos, portanto, diante de um “ritual da Lei”.

A esse propósito, entende Gerard von Rad⁴ que o Deuterônomo é toda uma reprodução do ritual da lei e Maldonado, por sua vez, afirma que o Êxodo, do capítulo 19 ao 24, tem também uma estrutura ritual como Gerard von Rad encontrou no

3 O texto de Jos 8,30-34 é uma inserção forçada (é visível seu deslocamento em relação à narrativa que o precede e o segue, pois interrompe a narrativa), mas ressalta a importância da Aliança como compromisso de todo o povo, que é o que interessa aqui.

4 RAD, Gerard von. **Das formgeschichte Problem des Hexateuch: Gesammelte Studien zum Alten Testament**. Munich, 1961 (Maldonado).

Deuteronômio.

No Êxodo:

- A) Introdução histórica e admoestação inicial (purificação da comunidade): Ex 19,4-7;
- B) Admoestação propriamente dita: Ex 19,36-38;
- C) Procissão do povo no encontro com Deus (Ex 19,17-19);
- D) Manifestação e proclamação da palavra de Deus (Ex 20 – 23);
- E) Promessa de bênção (Ex 23,2-23);
- F) Faz-se a aliança com sacrifício (Ex 24).

Temos muitos outros textos marcados pelo temor da Aliança: Lv 19; 2 Sam 7; Jer 30,21s; Ne 8 – 9;

Em todos os textos, encontramos que a Aliança entre Deus e o povo é estabelecida através de um mediador que tinha três funções: transmitir a Lei, conservar a Lei e interceder.

Esse mediador tinha a função profética de anunciar a Lei (Dt 18). Com o desenvolvimento histórico do povo eleito, os juízes assumem a mediação (Dt 17,8-13), passando do juiz para o rei. Essa mediação profética passa aos *nebiim* (= profetas, videntes), mas entre o rei e o profeta se estabelece um diálogo, sendo a mediação praticamente exercida pelo profeta e pelo rei.

Surge, por fim, a figura do Servo de Javé. Em Isaías, esse Servo será a síntese de todos os tipos de mediador da Aliança.

O caráter veemente da proclamação da Lei assume dimensões de exortação à conversão do povo. A Aliança – já percebemos – é sempre com referência ao povo, portanto, é essencial o aspecto comunitário. Pela aceitação de uma só Lei, temos um só povo.

Uma última observação sobre a Aliança: ao anúncio da Aliança se liga a morte do mediador: Josué, Moisés. Isso nos parece querer indicar que a Aliança é uma questão vital.

Concluimos que Deus faz uma Aliança que vai apresentando em cada situação maior esclarecimento [de sua finalidade maior], com as mesmas características:

- ANÚNCIO – BOA NOVA;
- MEDIADOR: profeta, juiz, rei;
- UM POVO COM UM SÓ PENSAR;
- LEI INTEGRADA: essencial à História da Salvação;
- A ALIANÇA É QUESTÃO DE VIDA OU MORTE.

7 – SACRIFÍCIO

O segundo ponto alto da bênção é o sacrifício.

No sacrifício, destaca-se mais claramente o aspecto de bênção ascendente, enquanto a Aliança se caracteriza como bênção descendente.

Com a intenção de prestar culto (*abad*) (Ex 4,23) e de celebrar festa em honra de Javé (Ex 5,1), os hebreus imolavam animais a Javé.

Os ritos de sacrifício – *zebah* – estavam no livro do Êxodo e consistiam na assimilação de uma mais antiga tradição nômade (Ex 12). Ali se encontram todas as características de um sacrifício nômade (de quem não tinha morada fixa): não realizavam o sacrifício no templo, não havia altar, nem sacerdote.

[O capítulo 12 do Êxodo é o que dá instruções para a celebração da Páscoa, antes da saída do Egito. Todo o ritual é feito pela família, presidido pelo chefe de família. Esse texto denota a existência de um ritual já conhecido pelo povo e que seria realizado especialmente naquela noite em que se consumaria a ação de Javé, que libertaria o povo hebreu da opressão egípcia.]

Posteriormente, a celebração da Páscoa realizava-se em Jerusalém, havendo a obrigação das famílias de peregrinar até a cidade santa para aí oferecer os sacrifícios pascais. A primeira forma de celebrar a Páscoa [aquela familiar referida acima] encerrou-se com o rei Josias (2 Rs 23,21-23).

No tempo dos juízes, fazia-se o sacrifício pascal a Javé em templos locais, como Guilgal (Jos 5,10-17).

A acomodação [supõe-se] teria levado os hebreus a celebrar a Páscoa em casa [nos períodos seguintes até Josias]. Depois, Josias, por razões político-religiosas, obriga as tribos a se centralizar para celebrar a Páscoa em Jerusalém. A antigüidade do rito não permite se ter com clareza o significado da palavra “páscoa”. Em Ex 12, parece derivar do verbo *pasah* = saltar, passar por cima.

O tempo da celebração pascal coincide com as festas e ritos das primícias. Josias, então, une as duas festas.

O sacrifício era todo marcado por *zebah* = destruição. Primeiro, era importante o derramamento de sangue com fim expiatório; mais primitivamente ainda, no entanto, o sangue continha a idéia de consangüinidade, aliança de uma comunidade que se forma.

O animal torna-se expiatório pela vida que contém, pois a vítima, por sua vida e enquanto propriedade do sacrificador pela imposição das mãos, é morta como símbolo de que Javé tem poder sobre a vida dele.

O sangue lembra a aliança-consangüinidade, por isso se asperge o altar (Ex 24,6-8). A experiência da aliança se realiza no banquete, onde o povo comunga com Deus. Roland de Vaux denomina-os “sacrifícios de comunhão”⁵.

Há uma outra referência à imposição das mãos em Lv 1 – 7, que tem o sentido de expiação: a vítima morrerá em lugar do dono que cometeu a falta. Nesse caso, o animal é enxotado para o deserto, não sendo oferecido a Deus, porque é uma vítima impura.

O papel do sacerdote torna-se importante, diferentemente do sacrifício do povo nômade.

As referências feitas acima sobre os dois tipos de sacrifício são formas que foram se construindo [ao longo do tempo]. Os capítulos 1 a 7 de Levítico, que prescreve os rituais sacrificiais falam em queimar a vítima integralmente. A outra forma, descrita em Lv 16,21, fala em enxotar a vítima para o deserto, pois se trata do sacrifício oferecido pelos pecados do povo e do sacerdote.

Os *hatát* (sacrifício pelo pecado) eram prescritos para muitas ocasiões: consagração de altar, sacerdotes, levitas, purificações da parturiente, leprosos.

A grande reconciliação era celebrada no primeiro mês civil do ano.

Tudo isso encontrará em Cristo a sua síntese:

PÁSCOA:

- Aliança (sacrifício) – Ceia pascal – vítima;
- Lei;
- Povo em marcha (nômade);
- Morte (entrega total, fé na ressurreição);
- Puro louvor.

Avançando um pouco mais nessa reflexão sobre a bênção, em torno do rito

5 DE VAUX, Roland. *Les sacrifices de l'Ancien Testament*. Paris, 1964. In: Maldonado, p. 142.

judaico que perdura até hoje, deter-nos-emos especialmente sobre a ceia pascal de Jesus.

No início, como dissemos, era um rito familiar. Em seguida era celebrado em santuários locais. A partir de 622 a.C. começa a ser celebrado num lugar central único: Jerusalém.

Do ungir com sangue a entrada da tenda, passando pelo ungir as ombreiras das portas até o derramar ao pé do altar – esse gesto evoluiu como se evoluiu das tendas para os santuários e daí para o templo. Isso, segundo uma predominância de louvor pelo banquete ou pelo sacrifício.

Na ocasião da ceia pascal, Jerusalém toda era como que uma extensão do Templo e, para que todos pudessem lá fazer sua ceia, as casas particulares ficavam à disposição dos peregrinos gratuitamente.

A vítima era morta no Templo pelos sacerdotes e levada de volta para casa, onde era assada por inteiro, sendo deixado no Templo o que se devia queimar: sebo, rins, etc.. Era, portanto, uma cerimônia realizada em duas etapas: uma no Templo, outra em casa. Lembre-se que, primitivamente, esse mesmo sacrifício de holocausto era todo feito em casa.

Após a destruição do Templo, a Páscoa voltou a ser um rito familiar, mas sem o cordeiro da ceia pascal, já que a primeira parte (a matança) não se podia mais fazer no Templo. Desde então, o cordeiro, dentro da liturgia pascal, perde sua importância e simbolismo, chegando logo depois a nem ser mencionado em documentos cristãos bíblicos ou pós-bíblicos.

Sobre como era celebrada a ceia, vários autores se manifestam: Joahim Jeremias, E. D. Goldschmidt⁶, Jungmann⁷, Lietzman, H.

Maldonado parte do pensamento de Goldschmidt, fazendo-o seu.

Divide a ceia em partes, segundo os célebres quatro cálices:

A) O primeiro cálice

A bênção do primeiro cálice: “Bendito Javé, Deus nosso, rei do universo, que criou o fruto da vide”.

Em dias festivos (dizemos “dias festivos” porque podia-se celebrar uma ceia fora de dias festivos – um grupo de pessoas piedosas poderiam fazer isso em qualquer momento) havia uma bênção especial para a festa e, nesse caso, não era necessária a bênção do primeiro cálice.

Após beber o primeiro cálice, há a ablução e, em seguida, bendizem as ervas amargas molhadas em compotas ou água com sal ou vinagre. Enquanto isso se diz: “Bendito Javé, nosso Deus, rei do universo, que criou o fruto da terra. Bendito Javé que nos santifica por seus mandamentos e nos manda comer ervas amargas.”

Em seguida vem a proposição do pão ázimo. Dele se tira um pedaço que se guarda até o final da ceia. O que preside diz: “Este é o pão da aflição que nossos pais comeram no Egito. O que tem fome venha comer. Todo o que esteja em necessidade venha celebrar a Páscoa conosco. Este ano, aqui. No próximo ano, no país de Israel. Este ano, escravos. No próximo ano, livres.”

B) O segundo cálice

Este é o mais importante, é o que Jeremias chama de “liturgia pascal”. É o

⁶ Temos o pensamento desses autores in Maldonado.

⁷ JUNGMAN, A, S.J. **El sacrificio de la misa**. BAC, Madrid, 1949, 2 ed. Parte I, cap. I, n. 3, p. 29.

momento do grande *haggadá*⁸ (narrar). Para que esta narração se desse, fazia parte do rito a pergunta que o mais jovem filho da casa pronunciava: “o que significavam aqueles insólitos costumes, por que aquela noite se distinguia das outras?”

Seguia a essa pergunta uma extensa exposição mistagógica, tendo como base Ex 12,26; Ex 13,8 e Dt 26,5-8. Isso consistia numa verdadeira proclamação de um evangelho. Para que todos – presidente e assembléia – fiquem cômicos da importância desse momento de anúncio, o ritual prescreve que cada um se sintam como se houvesse saído do Egito. A resposta é dada pela assembléia que ora, recitando a oração da assembléia familiar: canta-se como introdução o início do *HALLEL*, precedido da monição: “estamos obrigados a louvar, aclamar, elogiar, magnificar...”

Após isso, recita-se a primeira parte do *Hallel* (Sl 113-114,8), findando com a bênção “libertar”. Nesse momento, ao que parece, se dá o segundo cálice com sua bênção. Bebido o cálice, prossegue o rito com a bênção e a fração do pão, com fórmulas oracionais muito ricas de conteúdo. Há uma nova bênção de ervas. Por fim, é servida a ceia, tendo como prato principal o pão ázimo.

C) O terceiro cálice

Logo após sua bênção, que é a principal, ele é esvaziado. A bênção desse cálice é como um resumo de tudo o que se realizou até esse momento.

D) O quarto cálice

Esse é mais simples. Logo após, conclui-se a recitação do *Hallel*.

Essa é uma reconstrução moderna da ceia, havendo ainda muitas discordâncias entre os estudiosos sobre sua significação, forma, etc.. No entanto, o momento do terceiro cálice é bem definido para todos os autores.

Vejamos como se enquadra nessa ceia pascal a ceia de Cristo com seus discípulos. Sob o ponto de vista histórico, há autores respeitados que discordam uns dos outros, todos com argumentos muito fortes. Iniciemos, todavia, pelos documentos neotestamentários sobre a Eucaristia.

8 – DOCUMENTOS DA CEIA:

o que dizem os textos da Nova Aliança

A reflexão que faremos a seguir é que dá sentido a tudo que dissemos anteriormente, pois vamos tratar da realização de tudo isso que era esperado e preparado no Antigo Testamento.

Cinco hagiógrafos escreveram sobre a instituição da Eucaristia: Lc 12,10-20; Mc 14,22-25; Mt 26,26-28; Jo 6,51.53-48; 1 Cor 11,23-25.

Destaquemos um ponto que tem preocupado leigos e teólogos.

Em Mt 26,28; Mc 14,25; Jo 6,25-58), encontramos “sangue derramado por muitos...”.

Em Lc 22,20, encontramos “derramado por vós”.

Essa diferença entre Lc⁹ e os demais, vai dar motivo a que se pense que o texto

⁸ A palavra hebraica *haggadá* já está dicionarizada como *hagadá*, significando exatamente essa narrativa da libertação recitada na primeira noite da Páscoa judaica. Passarei a usar a palavra na forma de nossa língua.

⁹ Evitando confusão entre as personagens Mateus, Marcos, Lucas e João e os evangelhos que lhes são atribuídos,

lucano seria uma fórmula da celebração, quase um retrato da assembléia litúrgica, que teria a função de lembrar que Deus nos redimiou e que nós temos que fazer a nossa parte, completando a paixão de Cristo com nosso amor, no qual somos omissos [esse final do parágrafo encontrava-se em nota de rodapé no original].

Da mesma forma, entender-se-ia a diferença entre Mc 14,23, que diz: “e todos beberam dele” [que é uma forma narrativa], e Mt 26,27, que diz: “Bebei dele todos” [que é um imperativo]. Assim Mt seria um reflexo da prática litúrgica da comunidade.

Esse trecho de Mc é uma escritura mais antiga que o evangelho de Marcos, segundo o Padre Benoit¹⁰, sendo, pois, muito aramaisante.

É difícil a reconstituição histórica da Santa Ceia, porquanto a descrição evangélica tem caráter cúlrico e de anúncio. É de estranhar, sob certo aspecto, que, nessas narrações, não se vejam referências à ceia judaica, o que demonstra não ter havido preocupação histórica nos relatos.

Em Lc, lemos, contudo, no versículo 17: “Então, tomando um cálice, deu graças e disse: 'Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venho o Reino de Deus'”.

Lc fala, pois, de um cálice não consagrado, ou seja, sobre o qual Jesus não pronunciou as palavras consecratórias [“Este é o cálice...”, ditas sobre o cálice apresentado no versículo 20]. Lucas menciona, então, dois cálices.

Mc tem a solenidade e a simplicidade de uma liturgia – usa, inclusive, cinco verbos consecutivos: tomou, abençoou, partiu, distribuiu, disse (Mc 14,23).

Há textos que se repetem em paralelismo e, a isso, podemos atribuir motivos mnemônicos visando à catequese e à liturgia. Por isso, não parece de todo segura, pelo menos valendo como regra absoluta, a idéia de que o menos repetido, o mais sucinto é o mais antigo.

A oração imperativa “Fazei isto em memória de mim” encontra-se em Lc 22,19 (para o pão) e em 1 Cor 11,24s (para o pão e para o vinho).

Isso é explicável, porque essa frase é uma simples rubrica, que a comunidade primitiva não enunciava. Por essa razão, esse comando não é citado em Mt e Mc.

Com o passar do tempo, tornou-se comum citar [recitar] esse comando por necessidade apologética: evitar a profanação [vulgarização] da celebração, pondo em risco o memorial.

Pelas observações trazidas até o momento, vemos que os textos neotestamentários sobre a Eucaristia têm um cunho cúlrico-litúrgico, mas, nem por isso, podemos dizer que foram simples criação ou construção teológica da primitiva comunidade cristã.

Os textos descrevem o banquete eucarístico à luz do que era celebrado pela primitiva comunidade, mas é válido dizer também que a Eucaristia das comunidades era celebrada à luz da ceia que celebrou o Senhor Jesus.

9 – CEIA JUDAICA – ÚLTIMA CEIA

Analisada a ceia judaica, ou melhor, depois de descrevê-la, vimos o que contêm os textos da Nova Aliança sobre essa ceia. Convém, agora, revisá-los, vendo como a ceia

sempre que houver referência aos evangelhos usarei a abreviatura Mt, Lc, Mc ou Jo, mesmo que não sejam citados os capítulos ou versículos.

10 BENOIT. Le récit de la cène em Lc 22,15-20. *Revue catholique*, 48, 1939.

de Jesus se enquadra na ceia pascal. A questão é: a ceia da instituição da Eucaristia foi pascal ou não?

Os dados que os evangelhos nos oferecem são contraditórios. Os textos sinóticos (Mt 26,17-19; Mc 14,12-16; Lc 22,7-15) divergem de Jo 18,28.

Segundo o relato sinótico, a ceia eucarística coincidiria com a ceia pascal – na noite de 14 a 15 de Nisan.

Segundo o relato de Jo, a ceia de Jesus com seus discípulos teria se dado uma noite antes de 14 a 15 de Nisan. Nesse sentido, os exegetas se dividem: uns acham que os sinóticos queriam dar um escopo histórico à ceia de Jesus, entre eles o Pe. Benoit. Outros pensam que, realmente, a ceia aconteceu em dia distinto daquele, fundados no fato de que a ceia naquele ano coincidiu com o sábado e não era permitido matar o cordeiro nesse dia, pois isso não deixava de ser um trabalho, o que era proibido no sábado. Assim, tanto João quanto os sinóticos estariam corretos [isto é, foi uma ceia pascal, mas não no sábado, quando não se poderia preparar o cordeiro].

O conhecido autor [alemão] Jeremias pretende provar a historicidade da ceia de Jesus, coincidindo com a Páscoa judaica, com as seguintes notas:

- a) Lugar da ceia: Jerusalém – 1 Cor 11,23 e Jo 13,30;
- b) A hora da ceia: as não pascais eram realizadas antes do pôr do sol;
- c) a maneira de sentar na ceia pascal – Mc 14,18; Mt 26,20;
- d) abluções obrigatórias só na Páscoa – Jo 13,10;
- e) alusão ao Hino (Mc 14,16) como era chamado o *Hallel* na segunda parte.

Além dessas, Jeremias indica outras razões para defender a tese da coincidência cronológica da ceia de Jesus com a judaica.

Outros autores, como W. O Oesterley¹¹, fazem menção a uma ceia com as mesmas características da Páscoa, exceto o hagadá (com seu ritual de ervas amargas, pão ázimo e *Hallel*), contendo todo o restante.

Diz ainda Oesterley que a bênção do cálice na festa chamada "*Quidus*" serviria para a consagração do cálice.

Um outro autor, Gregory Dix¹², fala a respeito de um antigo banquete comunitário dos judeus, não pascal, chamado *Haburah* que se assemelha em muitas coisas à ceia pascal, faltando os hinos, o hagadá e a explicação mistagógica.

Ao final, percebemos que todos os argumentos, queiram ou não, vêm confirmar-nos que a intenção dos evangelistas era revestir a ceia de Cristo com o real sentido pascal, pois todos vinculam a instituição eucarística à Páscoa judaica. Assim, mesmo que a ceia não tenha sido, de fato, uma ceia pascal, os primeiros cristãos perceberam, iluminados pelo Espírito Santo, o caráter pascal da Eucaristia.

Maldonado, a partir do estudo das narrativas da ceia, mostra que esses textos não têm preocupação em apresentar um relato histórico, mas uma mensagem.

10 – HAGADÁ CRISTÃ

Podemos dizer que a hagadá da ceia eucarística é feito de maneira dinâmica em

11 OESTERLEY, W O. *Juiah background of de christian liturgy*. London, 1925. Em Maldonado, p. 176.

12 DIX, G.. *The stape of the liturgy*. London, 1960.

todo um evangelho, ou seja, à medida que João ou a primitiva comunidade escreve o evangelho vai explicando em forma mistagógica o sentido dos gestos, dos sinais de Deus, dentro da História da Salvação.

Os capítulos 13 a 17 são a despedida de Jesus, colocada logo antes da Paixão. João relata o lava-pés que tem um lugar privilegiado na narração, não falando da instituição da Eucaristia diretamente, mas apenas do lavar os pés = servir.

João aborda o mistério da Eucaristia em:

- A) Bodas de Caná;
- B) Multiplicação dos pães;
- C) Discurso da ceia.

Essa é um maneira acronológica de anunciar-narrar,

No capítulo 6, temos quase a narração da última ceia dos sinóticos: Jo 6,51 paralelo a Mt 26,26; Mc 14,22; 1 Cor 11,24b.

Note-se a linguagem especial de Jo:

- *sarx* ao invés de *soma* [carne x corpo];
- *zoé* [vida] = materialidade de corpo e sangue;
- *sarx / haima* [carne / sangue] = binômio de sentido sacrificial.

Essa linguagem litúrgico-sacrificial está em todo capítulo, sobretudo em 6,53-58.

O evangelho Jo, pelos *sêmeia* [sinais], realizou a revelação mistagógica dos sacramentos, que culmina na Eucaristia (mesmo que cronologicamente assim não seja).

O sentido de banquete (união entre homens) e de serviço mútuo que se devem prestar encontram-se no lava-pés e na multiplicação dos pães.

O sentido de expiação está representada nos vasos que estavam cheios de água para a purificação e que agora estão cheios de vinho [Bodas de Caná].

Em Jo temos uma seqüência de signos que compõem a haggadá cristã.

Um <i>haggor</i> sinagoga seria:	<i>Haggadá</i> cristã seria (eclesial):
Lv 11,4-7: animais impuros	Jo 2,1-11: Bodas de Caná
Lv 16,5-13: bodes para sacrifício pelo pecado	Jo 3,14: "Como Moisés levantou a serpente..."; 4,43-45: Jesus volta de Jerusalém para sua terra; 5,1-9: Cura do enfermo da piscina de Betesda
Lv 16,20-26: imposição das mãos sobre o bode e envio ao deserto	Jo 6,1-13: Multiplicação dos pães
Lv 18,1-4: praticar as normas de Javé, não a dos pagãos	Jo 9,1-41: Cura do cego de nascença
Lv 18,22-25: pureza sexual	Jo 11,1-44: Ressurreição de Lázaro

???????????????

Poderíamos dizer que outra haggadá teria formulado Mc, comparando-o com 2 Rs 2 – 7.

Outro texto de haggadá é certamente 1 Cor 5,7b-8:

- A) Páscoa > Cordeiro > Cristo;
- B) Levedura velha tirada da casa (como mandava o ritual) na noite de 13 a 14 de *Nisan*;

- C) A linguagem é semita, não comum a Paulo;
- D) A maneira de dizer semelhante à do pai de família quando explicava o mistério à criança.

Em conclusão: os textos dos relatos da ceia de Jesus parecem ser de conteúdo litúrgico, formas de iniciação no mistério eucarístico.

11 – SENTIDO SACRIFICAL

O sentido sacrificial está bem nítido se analisarmos os textos que falam em sangue derramado. Os sinóticos e Paulo são concordes quanto a isso.

Em Lc o objeto da Aliança é também o sangue.

Lc e Paulo falam: “... a Aliança em meu sangue = Aliança graças a meu sangue” (vé causal = por causa de...).

Vivemos aí a realização do Servo de Javé de Is 53,12: “... entregou sua alma à morte...”.

O sangue separado do corpo tem sentido sacrificial. O vinho era muitas vezes usado para libações, portanto, com significado sacrificial. Veja Nm 15,2-16 [“libação de vinho de um quarto de hin por cordeiro...”] e Ez 15,47 [“... libações durante as festas das neomênias.”]

12 – EUCARISTIA – BANQUETE

Hoje, insiste-se muito mais no caráter de banquete da celebração eucarística do que no aspecto sacrificial de que falamos há pouco. É a realização em plenitude dos banquetes religiosos da Antiga Aliança.

Em Mt 26,27 e Mc 14,23 a bênção do cálice ocorre logo após a do pão [podendo-se supor a refeição entre as duas bênçãos]. Em Lc 22,20 e, mais visivelmente, em 1 Cor 11,25, é dito que a bênção do cálice acontece “após a ceia”, revelando, pois, uma maneira arcaica da celebração em que, entre a consagração do pão e do vinho, havia uma ceia.

Posteriormente, parece que se realizou a ceia antes da consagração do pão e do vinho (1 Cor 10,16 e 11,21).

Mais tarde, a ceia passou a ser feita após a consagração e, finalmente, a ceia é eliminada da celebração, como parece sugerir Paulo em 1 Cor 11,34.

Há um texto que indica que, ao menos naquela ocasião, a ceia se realizou antes da consagração: Atos 20,7-12 [Paulo em Trôade, comunidade reunida para a fração do pão, Paulo prega demoradamente, um jovem cai do peitoril, Paulo acalma a comunidade dizendo que ele não morreu, “depois subiu novamente, partiu o pão e comeu”].

Na evolução histórica da ceia eucarística, notamos que o alimento toma um sentido diferente. A comida, como símbolo de união comunitária, alimento para a vida, é apenas uma preparação para entender o banquete eucarístico como: comunhão com a morte de Cristo, penhor de vida eterna e edificação da Igreja. Para isso, é essencial que aconteça a consagração do pão e do vinho.

13 – DIDAQUÊ

Após essa exposição sobre o que a Sagrada Escritura nos fala da Eucaristia, vejamos como se deu o desenvolvimento histórico, começando pela Didaquê [redigido entre 100 e 150 d.C.], pois é o documento que melhor expressa a continuidade da práxis primitiva, já com alguma evolução.

Vejamos este texto da Didaquê capítulo 9 e 10¹³:

CAPÍTULO 9

1 Celebre a Eucaristia assim:

2 Diga primeiro sobre o cálice: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre".

3 Depois diga sobre o pão partido: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

4 Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre".

5 Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor pois sobre isso o Senhor disse: "Não dêem as coisas santas aos cães".

CAPÍTULO 10

1 Após ser saciado, agradeça assim:

2 "Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

3 Tu, Senhor onipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais e uma vida eterna através do teu servo.

4 Antes de tudo, te agradecemos porque és poderoso. A ti, glória para sempre.

5 Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.

6 Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Venha quem é fiel, converta-se quem é infiel. *Maranatha*. Amém."

7 Deixe os profetas agradecerem à vontade.

Todos os textos eucarísticos da Didaquê (que são instruções, organização da comunidade em marcha) têm um sentido de louvor: invocação ao Pai; motivo do louvor; efetuação do louvor: "a ti a glória, por tudo te bendizemos" e o povo responde "amém".

A motivação da *beraká* é o alimento material, símbolo do alimento espiritual que é vida-fé-conhecimento e imortalidade-vida eterna, produzido por esse alimento pela mediação de Cristo.

Ao final, faziam-se as petições – preces que eram semelhantes à prece que está em Jo 11,52.

A Didaquê enfoca muito o "conhecimento", no sentido sapiencial joanino: é a Páscoa judaica que se universaliza, é a nova bênção pascal que "conhecemos" mediante Cristo.

A Didaquê chama a essa celebração de fração do pão, após a qual havia uma

¹³ Citei os capítulos 9 e 10 de forma completa, extraindo de <http://www.monergismo.com/textos/credos/didaque.htm>, em 10/10/2008

refeição de caráter religioso, que tinha um sentido de espera: vigiar esperando a volta do Cristo.

Num esquema geral, a Eucaristia manteve a seguir uma estrutura que poderia ser esquematizada assim:

1. Leituras;
2. Homilia;
3. Preces comuns;
4. Abraço da paz;
5. Apresentação dos dons;
6. Oração eucarística (do presidente);
7. "Amém" (do povo);
8. Comunhão (para presentes e ausentes).

É uma liturgia simples, toda ela impregnada de grande autenticidade, oração dos pobres que se dirigem ao Pai.

Outro documento importante é *Tradição Apostólica*, redigido entre 200 e 215 [obra de S. Hipólito, que é uma espécie de constituição eclesiástica]. Nessa obra, encontramos referência à Eucaristia. A oração eucarística conta a obra redentora de Cristo, enviado do Pai e, em meio a essa hagedá, se faz o memorial do Senhor.

Transcrevo o texto da Tradição Apostólica que relata a Oração Eucarística¹⁴

Os diáconos, então, oferecer-lhe-ão o sacrifício e ele, após impor suas mãos [sobre o sacrifício] dará graças, juntamente com todo o presbitério, dizendo: "O Senhor esteja convosco". Todos responderão: "E com o teu espírito". [Dirá:] "Corações ao alto". [Responderão:] "Já os oferecemos ao Senhor". [Dirá:] "Demos graças ao Senhor". [Responderão:] "Pois é digno e justo". Em seguida, prosseguirá: "Nós te damos graças, ó Deus, por teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos enviaste nos últimos tempos, [Ele que é nosso] Salvador e Redentor, porta-voz da tua vontade, teu Verbo inseparável, por meio de quem fizeste todas as coisas e, por ser do teu agrado, enviaste do céu ao seio de uma Virgem; aí presente, cresceu e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Cumprindo a tua vontade, obtendo para ti um povo santo, ergueu as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento todos aqueles que em ti confiaram. Se entregou voluntariamente à Paixão para destruir a morte, quebrar as cadeias do demônio, esmagar o poder do mal, iluminar os justos, estabelecer a Lei e trazer à luz a ressurreição. [Ele] tomou o pão e deu graças a ti, dizendo: 'Tomai e comei: isto é o meu Corpo que será destruído por vossa causa'. [Depois,] tomou igualmente o cálice e disse: 'isto é o meu sangue, que será derramado por vossa causa. Quando fizerdes isto, fá-lo-eis em minha memória'. Por isso, lembramos de sua morte e ressurreição e oferecemos-te o pão e o cálice, dando-te graças por nos considerardes dignos de estarmos na tua presença e de te servir. E pedimos: envie o teu Espírito Santo ao sacrifício da Santa Igreja, reunindo todos os fiéis que receberem a eucaristia num só rebanho, na plenitude do Espírito Santo, para fortalecer nossa fé na verdade. Concede que te louvemos e glorifiquemos, por teu Filho, Jesus Cristo, pelo qual te damos glória, poder e honra, ao Pai, ao Filho e com o Espírito Santo na tua Santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém".

A evolução histórica da Eucaristia, mantendo a divisão essencial entre Liturgia da Palavra e Liturgia Sacrificial, pode ser resumida assim:

A) Antes do século IV

Era celebrada nas casas: "missa doméstica", sendo sua parte eucarística da seguinte forma:

Introdução;

¹⁴ Essa citação também não se encontrava no original. Tirei de <http://www.veritatis.com.br/article/1094>, em 10/10/2008.

Ação de graças e louvação (do Prefácio);
 Narração da instituição;
 Anamnese;
 Epiclese;
 Doxologia;
 Fração do pão.

B) Do século IV ao V – Época basilical

A Igreja se enche de pompas, a hagadá se transforma em construções grandiosas de Cânon que culminam com os apoteóticos “*Sanctus*”. A celebração perdeu o sentido familiar de fração do pão entre os irmãos.

C) Do século VI ao VII

É dada toda importância ao luxo e pompa. É o período em que se confunde o poder temporal com o espiritual. Surgem a mitra, o báculo, o anel, o cálice de ouro, tirando a beleza simples da fração do pão, do memorial do Senhor. Não há evolução no ritual. É a chamada “missa papal”.

D) Do século VIII a XI

Os bárbaros invadem a Europa e o sentido do mistério da Eucaristia é impregnado de um significado quase supersticioso. O cânon – oração eucarística – passa a ser dito em voz baixa. Eucaristia ligada a “missa dos afetos”.

E) Do século XII a XV

O povo já não sabe o latim, nem mesmo os padres. Os gestos e as palavras na liturgia vão perdendo sentido. Agora é apenas “assistir” à missa.

Faz-se genuflexão durante e após o cânon.

A participação do povo era apenas pelo “Amém”, após o hagadá, que já não era hagadá, pois perdeu esse sentido. O povo não tinha verdadeira consciência do que o sacerdote tinha dito no cânon.

A elevação das espécies sagradas entre aclamações supersticiosas da assembléia. Elevação das espécies levavam alguns minutos e o cálice tinha uma encrustação de vidro para as pessoas vissem o “sangue”. Era feita a incensação das espécies.

A partir de 1570, com o Concílio de Trento, a celebração eucarística foi toda rubricada e com sanções severas para quem infringisse as rubricas.

A partir de Pio XII é que começaram as primeiras reformas na celebração da Eucaristia. O Concílio Vaticano II realizou importantes reformas litúrgicas, sendo a tendência a revalorização da liturgia eucarística da primitiva comunidade cristã.

Desde o seu início, a comunidade cristã se reunia para a celebração da Eucaristia (At 2,42 e 20,7-11). Essa celebração por muito tempo ocorreu na forma de um banquete comum em que a distribuição do pão e do vinho constituía-se no momento mais importante. Era a função rememorativa de Cristo, segundo sua própria ordem: “fazei isto em memória de mim” (1 Cor 11,24).

Durante o primeiro século, essa estrutura eucarística manteve-se simples e espontânea, de modo que não podemos chamá-la propriamente de estrutura. Pelos inícios do segundo século, a Eucaristia foi separada do ágape à tarde e unida à função religiosa da manhã.

Essa separação originou-se certamente por motivos práticos e morais, conforme vem indicado já na censura do apóstolo aos coríntios:

Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer a própria ceia; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado. Não tendes casa para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? Que vos direi? Hei de louvar-vos? Não, neste ponto não vos louvo (1 Cor 11,20-22).

Assim, a celebração da Eucaristia começa a adquirir uma forma peculiar e uma organização independente.

No ano 150 d.C., surge a primeira apologia de Justino que nos narra a estrutura da celebração eucarística. Essa referência justiniana mostra o grau de desenvolvimento que a ação litúrgica atingira até aquela época. Em primeiro lugar, temos a leitura de textos bíblicos vétero e neo-testamentários à qual se seguia uma homilia do presidente que versava sobre o significado dos textos bíblicos em relação ao Cristo e para os cristãos. Terminada a primeira parte, havia a despedida dos catecúmenos e penitentes. Iniciava-se, então, a segunda parte, com a oração dos fiéis (litanias), onde a comunidade pedia e agradecia a Deus todos os momentos de sua vida e, de modo especial, a graça de ter encontrado a Verdade decisiva da salvação no Cristo Jesus, Senhor e Mestre. O ósculo da paz, então, era dado entre os fiéis e tinha um sentido muito mais profundo e vivencial, exprimindo o anseio íntimo de cada um pelo momento em que pudessem proclamar abertamente o encontro da Boa Nova.

Temos, finalmente, o ponto culminante da celebração na oração de ação de graças – EUCARISTIA –sobre o pão e o vinho, realizada pelo bispo, seguida pela distribuição aos fiéis da Carne e Sangue do Senhor.

Desde então, a celebração eucarística passa a tomar uma formulação cada vez mais ritualizada. Em 220 d.C., a *Tradição Apostólica* de Hipólito apresenta a liturgia da missa em um estágio de evolução formal bastante adiantado (essa obra possui um valor eminente por referir as mais antigas tradições romanas. Nessa época, já é possível apresentar alguns costumes estabelecidos em torno da celebração.

O domingo, conforme o que apreendemos da *Didaquê*, é o dia por excelência da celebração eucarística, embora não devamos dar o mesmo sentido de dever dominical que atualmente possuímos, pois as condições sociais e políticas da época não permitiam aos cristãos estabelecer um dia rigorosamente determinado para as suas reuniões.

No seu *De oratione*, Tertuliano nos fala de uma celebração especial também em “dia de estação”. Por outro lado, encontramos em Cipriano uma referência à comunidade de Jerusalém que celebrava um sacrifício cotidiano.

No que diz respeito à comunhão, sabe-se que era regularmente distribuída sob ambas as espécies e a disciplina do jejum já era aludida por Tertuliano. Além disso, era costume dos fiéis levarem, após a celebração, o pão consagrado para as suas casas com a finalidade de uso diário.

A participação na comunhão indicava um grau de participação e integração total na comunidade eclesial, de tal forma que ela era dada somente aos batizados, não podendo os catecúmenos e penitentes nem mesmo assistir ao momento central da liturgia que começava com as preces dos fiéis. Essa prática é chamada de “disciplina do arcano”, cuja fundamentação os Padres julgavam encontrar em Mt 7,6: “Não deis aos cães o que é sagrado, nem atireis as vossas pérolas aos porcos, para que não as pisem e, voltando-se contra vós, vos estraçalhem”.

Devido à difusão do Batismo de crianças, que provocou a gradual extinção do catecumenato, a disciplina do arcano vai paulatinamente desaparecendo.

Assim, vimos que a liturgia eucarística dos dois primeiros séculos da Igreja ainda não possuía uma verdadeira estrutura, no sentido da palavra [como dissemos antes]. Sua conformação é bastante mudada e ela se organiza aos poucos, quer por necessidade de

adaptação ao ambiente local da comunidade que a celebra, quer por uma necessidade de evitar certos abusos que, freqüentemente, surgiam.

Essas duas características condicionantes farão com que, daí em diante, a celebração se torne cada vez mais formal e jurídica, menos espontânea. É justamente esse aspecto de espontaneidade coerente com a fé da comunidade primitiva que devemos todos procurar descobrir, ou melhor, redescobrir e inserir em nossa vida diária e na nossa oração cultural.

14 – À GUIA DE CONCLUSÃO

Muitas coisas ficam por refletir nesse trabalho. Temos, no entanto, a convicção de que é necessário estudar muito mais – e estudar não para “encher de cultura”, como disse São Paulo, ao homem que sabendo não vive, não vivencia.

É preciso muito mais estudar para apreçoar o mistério pascal em seu sentido central mistagógico a todo aquele que adere a Cristo.

É preciso refletir na Eucaristia – o que ela é para o homem de hoje – como apresentá-la dentro de nosso contexto histórico atual.

O jovem, a criança, o operário têm que vivenciar toda a riqueza eucarística, tão mal apresentada no percurso da história por “certa” pastoral.

Ela precisa voltar a ser a “delícia dos homens”, a efetivação e significação de toda a libertação que o homem quer operar.

BIBLIOGRAFIA

JUNGMANN, Pe. José, S.J. **El sacrificio de la misa**. Madrid: Herder, 1953.

MALDONADO, Luiz. **La plegaria eucarística: estudio de la teología bíblica e litúrgica sobre la misa**. Madrid: B.A.C. , 1967.

SCHMIDT, Hermanus A. P. **Introductio in liturgiam occidentalem**. Roma: Herder, 1960.

THURION, Max. **L'Eucharistie: mémoire du Seigneur**. Presses de Taizé, 1967.

TILLARD, J. **Eucharistie: Pâque de l'Église**. Ed. Du Cerf, 1967.